

Biblioterapia como prática e pesquisa associada ao método cartográfico, um enlace de amantes do acaso: tessituras e confissões de um aprendiz

Bibliotherapy, as practice and research, associated with the cartographic method, a connection between lovers of luck: a learner's experiences and confessions

Lucas Veras de Andrade

Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação (GEPEBIC), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialista em Supervisão Educacional pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professor das Séries Iniciais da Educação Básica da Secretaria Municipal de Educação de Teresina. lukkandrade18@hotmail.com

RESUMO

O texto é um convite, um chamado ao(s) leitor(es) a imergir(em) no universo da biblioterapia por linhas cartográficas. Por esta ótica, tem-se como objetivo: apresentar a biblioterapia enquanto prática e pesquisa associada ao método cartográfico, onde se tem na experiência o saber necessário para a travessia desses contextos. Assim, busca-se no método cartográfico a diretriz para este estudo, desenvolvido na perspectiva de uma escrita inventiva. Com ela, expõe-se uma cachoeira de ideias que costuram-se aos pensamentos de diversos autores (pesquisa bibliográfica), deslocamentos subjetivos que em coautoria a estes, fazem do autor deste trabalho, pensar e atravessar de modo aprendiz o território da biblioterapia. Rabisca-se algumas confissões, tessituras de aprendizagens que configuram-se como pistas guiantes a quem vislumbre desenhar os contornos da prática/pesquisa em biblioterapia - dando destaque para isso, a obra "*A menina que roubava livros*", de Markus Zusak. Ao fim, destaca-se que estas são fluídas, não se apresentam como exclusivas ou únicas, pois entende-se que cada território de estudo/intervenção/pesquisa configura-se uma rota própria a ser traçada.

Palavras-Chave: Biblioterapia. Pesquisa em Biblioterapia. Prática Empírica em Biblioterapia. Escola. Método Cartográfico.

ABSTRACT

This essay is an invitation to readers to immerse themselves in the universe of bibliotherapy through cartographic lines. From this perspective, our aim is to present bibliotherapy as a practice and research associated with the cartographic method, considering that it is through experience that one holds the necessary knowledge for crossing these contexts. Thus, we search through the aforementioned method the guidelines for this study, carried out from the perspective of creative writing. With this, we expose an abundance of ideas that gather the thoughts of several authors (through bibliographic research) as subjective displacements that, in co-authorship, allow the author of this work to think about and cross, as a learner, the territories of bibliotherapy. We discuss some confessions and learning experiences that configure themselves as guides for those who would aim to study the outlines of practice/research in bibliotherapy, and while doing so, we highlight the novel "*The Book Thief*", by Markus Zusak. We conclude, in this research, that these experiences and practices are not exclusive or unique, but fluid, since in each study/intervention/research work there is a specific path to be traced.

Keywords: Bibliotherapy. Bibliotherapy research. Empirical practice in bibliotherapy. School. Cartographic Method.

1 (RE)INICIANDO A CONVERSA

*É caminhando que se faz o caminho.
(Titãs)*

Antes de compor a biblioterapia enquanto paisagem passível de ser contornada pelo viés do método cartográfico, houve um movimento, uma tentativa de criar-me como cartógrafo¹. Busquei coegendrar-me por/com diferentes cenas (territórios existenciais e formativos), articulando-me com elas, em um processo interseccional na tentativa de me compor na condição citada por minhas experiências a partir de uma produção de mundo. Por elas me abri e busquei um traçado coletivo de forças neste mundo, numa feitura transitória, conduzido “por processos de corporificação do conhecimento e práticas que configu[ra]ram regimes de afetabilidades” (POZZANA, 2013, p. 323).

Foi um percurso divertido, perceptivo e de afetos em constantes deslocamentos. Muitas foram as descobertas e na mesma intensidade foram as perguntas e reflexões que ficaram no aguardo das respostas. Nesse percurso também emergiram algumas certezas. Quanto a composição da condição de cartógrafo, condição entendida como pré-requisito no momento do embarque, como assim denominei minha imersão nos meandros do método cartográfico, concluo que esta não é uma condição concluída, com nascimento datado.

Hoje acredito não no ser, mas estar cartógrafo, pois o plano da criação inicial da qual me detive e a experiência apropriada dela, me faz acreditar que ser cartógrafo, é ser gestado a cada possibilidade de cartografar. E sendo assim, a ideia hoje admitida de cartógrafo é que ele se cria, incorpora, estende-se a cada paisagem na medida em que se constitui com um território.

O entendimento de paisagem foi outra grande diretriz no aprendizado cartográfico e de meu percurso formativo. Os contornos traçados me permitem (re)conhecer que estar cartógrafo, existe a necessidade de habitar um território e provocar nele devires transversalizados. Obviamente, estes saberes não demarcam em sua totalidade minha aprendizagem nesse exercício inicial e que problematizei na tentativa de me tornar cartógrafo, ideia essa agora, como já posta, dissipada. No entanto, os aspectos

¹ ANDRADE, Lucas Veras de. Cartografia de um devir: o movimento de tornar-se bibliotecário aplicador de biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 128-144, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/39575>.

evidenciados (aplicador de biblioterapia/pesquisador/cartógrafo) e (Paisagem/Território/Campo de estudo) foram pistas essenciais para pensar o território da biblioterapia como paisagem de composição deste método de atuação e pesquisa.

Neste momento, retomo as ponderações que ao iniciar esta escrita mencionei e que no impulso de me ver cartógrafo, aplicador de biblioterapia, me afetaram de modo atravessado ao problematizar esta condição que foi tão desejada, de forma a apresentá-las e de buscar respondê-las ao longo do texto. Nesse sentido, elas são: *Que tipo de prática/pesquisa estamos falando quando associamos a biblioterapia ao método cartográfico? Como pensar nas narrativas biblioterapêuticas enquanto objeto da prática/pesquisa em biblioterapia na abordagem cartográfica? Qual caminho seguir enquanto aplicador/pesquisador de biblioterapia quando na postura de cartógrafo no seu território de atuação?*

Certamente, estas não findaram em meu percurso de conhecimento apreendido até o momento e nem se acabarão com a escritura deste trabalho. Permanecerão fagulhando outras, como é próprio do movimento cartográfico - sempre em agenciamentos em trânsito, pois um verdadeiro cartógrafo, cartografa o meio, jamais o fim. “Até porque, o fim nunca é na realidade o fim. O que chamamos de final é sempre o fim para algo que continua de uma outra forma” (COSTA, 2014, p. 69). Nesse sentido, pretende-se com as páginas seguintes, trazer você leitor como agente ativo que é, a problematizar junto comigo a biblioterapia enquanto prática e pesquisa na abordagem cartográfica, uma vez que aqui da minha parte, por estas linhas escritas, apresento um texto convite.

De antemão, me antecipo em afirmar que este se apresenta como passos iniciais, uma introdução e dedica-se àqueles curiosos no tema da biblioterapia, profissionais das diversas áreas que podem ter convergências de atuação com ela enquanto atividade profissional e para pesquisadores na perspectiva da prática de pesquisa. Dessa maneira, os retalhos de pensamentos abaixo, costuram-se. Mas, cabe advertir a você leitor para que (e)s(t) seja suficientemente esponjoso as microssensibilidades que permeiam as zonas fronteiriças destes dois territórios (biblioterapia e cartografia). Para que possa absorver, mergulhar nas ideias postas e promover o exercício imaginário de estar em meio a uma prática quando interseccionadas.

2 APONTAMENTOS PARA UMA PRÁTICA E PESQUISA EM BIBLIOTERAPIA SOB A ABORDAGEM DO MÉTODO CARTOGRÁFICO

Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.
Guimarães Rosa (2001, p. 31)

Deveria começar essa discussão pela reflexão interseccionada pelos diversos autores que se debruçam sobre o tema a partir do conceito do que seria biblioterapia. Deveria, mas não vou! Não quero. Pois acredito que começar por ele é investir em algo dispensável no momento e não acrescentaria ao que venho tentando entender. Até porque, atualmente, ele se encontra bem desenvolvido. E como já apontado, o tempo ao seu longo, a partir do pensar humano interessado se encaminhou desta presteza, tornando-o acessível. Basta a leitura cautelosa e atenta de Ratton (1975), Ouaknin (1996), Caldin (2010), Seixas (2014), entre outros.

Além do mais, minha preocupação não é problematizar seu conceito. Embora também considere que a conceituação posta até agora, limite em partes o que proponho discutir aqui. Pois cogitar a biblioterapia como uma terapia por meio de livros, é pensar em um cuidado com o ser como resultado de um processo, que aqui não nego, pelo contrário, ressalto. Mas, como fazê-lo? Este é o aspecto que me encontro no presente e que considero ser um dos pontos focais de análise da biblioterapia - o curso desta terapia por meio de livros e outras linguagens (música, pintura etc.).

Com isso, trago a ideia de narrativas biblioterapêuticas que não é uma noção de minha autoria. Ela aparece em diversos escritos, como: Mostafa, Cruz e Benevenuto (2013) e Almeida e Bortolin (2013) que aqui unem-se as minhas ideias e se fazem também (co)autores. A junção delas me faz rascunhar sobre, como resultado de afetabilidades e servem como pontapé para as proposições que seguirão. Nesses estudos, a noção de narrativas biblioterapêuticas não é clara, não existe uma definição consolidada, muito menos como produzi-las de forma eficaz e didática aos interessados. No momento desta escrita não há intenção de definição, o que existe é o desejo de aproximação a uma ideia. Nisto, convoco na discussão Varela (1996) e os seus conceitos de microidentidades e micromundos.

Para ele, o indivíduo apresenta uma prontidão-para-ação própria a cada situação específica (micromundos) e que entre uma ação e outra, se experimenta micropertubações continuamente (VARELA, 1996). O que ele denomina de prontidão-

para-ação, na verdade é a própria noção de microidentidades. Nesse sentido, “microidentidades expressam disposições corporais, corpos-em-movimento-e-no-espaço, posturas e gestos articulados de modo situado, sempre vinculados a um micromundo, espaços-significados a partir de encontros históricos-culturais” (POZZANA, 2013, p. 328).

A partir disso, a compreensão apropriada de microidentidades como dispositivo de ação, é o modo como indivíduos agem e percebem em consonância as situações. Que como aponta Pozzana (2013, p. 329) “não são características fixas atreladas ao sujeito”. É preciso evidenciar que tais ações são experienciadas na beleza do viver. Portanto, não são previstas, antecipáveis ou delineadas a partir de regras previamente estabelecidas. Por esta perspectiva, busco relacionar as ideias deste autor com o que acredito ser o objeto de investigação da biblioterapia, as narrativas emergentes nas intervenções que nada mais são que histórias.

Dialogando com esta argumentação, Seixas (2014, p. 19) aponta que “cada pessoa é como se fosse um livro: várias histórias emaranhadas em busca de expressão, um conteúdo à espera de ser desvelado”. Nesse sentido, disparar narrativas com intuito biblioterapêutico é estar com sujeitos diante de um encontro que não há previsibilidade de acontecimentos. É apropriar-se do ofício de costureiro, no sentido de costurar enredos. Onde a intenção é atravessar as histórias dos indivíduos mediados com enredos literários e/ou outras linguagens inventivas.

Complementando a concepção acima, afirmo também que produzir narrativas é estar diante de um modo de ação inseparável da criação. Nelas há um corpo (sujeito) em articulação com cenas fragmentadas por meio de linguagens, que se alonga como extensão de cada uma, à medida que se cria com elas. O guia do movimento é o corpo deste que percebe os acontecimentos, cenários e contextos apresentados, a partir das várias palavras enunciadas nas intervenções: escrita, falada, cantada, recitada, gravada.

Percebe-se com isso, uma postura microidentitária no leitor na biblioterapia. Esta confere a ele, uma abertura virtual² para viver. Nessa vertente, indivíduo na experimentação (re)inventa-se, numa relação dialógica entre seu eu, com aquilo que ler, num regime de afetabilidades que tem como marcas o inacabamento e a experimentação.

² No texto, a noção de virtualidade é abstrata e embasa-se na teoria de Bergson da memória, do tempo e da evolução, relacionando ainda, com suas ideias de pensamento, linguagem e criação. Diz respeito a uma potência oculta nos sujeitos de possibilidade de expressão da vida em sua diversidade de aspectos, em sua complexidade, em sua dinâmica.

Aqui também se percebe que a leitura enquanto propositura do corpo, o sujeito que ler acomoda sua consciência nela. E sendo assim, utiliza o cérebro, e conseguinte, a consciência para produzir sentido ao que se é lido (CALDIN, 2010).

Então, qual seria o *start* para a produção de uma narrativa biblioterapêutica? Tudo parte daquilo que o sujeito traz em sua bagagem experiencial. Que pode se evidenciar em uma intervenção, tanto de forma pré, como pós leitura de um texto, ou outra linguagem, denominada de crenças ou cristalizações. Não encontrei um conceito acadêmico no momento da feitura deste texto que dê uma ideia sobre estas concepções. No entanto, nas minhas viagens literárias, o livro - *Comer, rezar e amar* se fez leitura e com ela *pediu-me voz e vez* para tal.

Os sábios iogues dizem que a dor da vida humana é causada pelas palavras, assim como toda alegria. Nós criamos palavras para definir nossa experiência, e essas palavras trazem consigo emoções que nos sacodem como cães em uma coleira. Nós somos seduzidos por nossos próprios mantras (Eu sou um fracasso...Estou só...Sou um fracasso...Estou só...), e nos transformamos em monumentos a esses mantras (GILBERT, 2008, p. 334).

Fica evidente pelo olhar da personagem Liz, que crenças ou cristalizações são as visões que o sujeito desenvolve dele e do mundo. Elas são desenvolvidas desde a infância e geralmente a partir das experiências. Apesar de termos um potencial de pensamento que podem transitar entre os dois polos: positivo e negativo, temos a tendência de focarmos apenas neste último aspecto. Isso faz com que alimentemos pensamentos restritivos, o que ocasiona a formação de ideias disfuncionais ou errôneas da realidade.

A menção deste trecho, provoca ao imaginário, o sentido de se pensar a potencialidade das palavras. Por ele, também me vejo como sujeito de uma prática de biblioterapia, na medida em que me desloco da posição de autor desta escrita para leitor, colocando-me diante de autoconhecimento formativo, conferindo significados, de modo a produzir subjetividades diante deste cenário. Traz ainda, a concepção de que muitas vezes “um autor é capaz de descrever, melhor do que a própria pessoa os sentimentos envolvidos em sua [...] [trama] pessoal” (SEIXAS, 2014, p. 43).

Nesse sentido, (re)conhecer, (identificar) as crenças é o passo inicial em uma intervenção biblioterapêutica. Como sugerem Andrade; Melo (2017) elas são os primeiros contornos, pontos de insurgências iniciais para o devir, o estágio seguinte é problematizá-las. As crenças quando são transformadas em dúvidas, problemas, é invenção, produção

de pensamentos que gera conhecimento de mundo, de si. É uma imersão no próprio eu. “É corpo pensante e vibrante [...], uma perturbação [que] engendra a vida que cria: corporificação e afetabilidade” (POZZANA, 2013, p. 335).

Nesta interlocução, abre-se caminho para aquilo que se está fechado, cria-se a possibilidade de estranhamento para convocar a desconstrução, e assim, oportunizar o movimento de uma nova verdade (SEIXAS, 2014). Como forma de brindar esse momento numa intervenção, me apresento com um texto de minha autoria com linhas poéticas:

(Des)pedida, (Re)começo

(Re)começar significar começar de novo.

Refazer algo que de alguma forma, não deu certo em seu início, meio e fim.

Uma nova tentativa, com expectativa de início e meio eterno.

Tentar de novo...

Nos despedimos...de intenções, amores, falas, promessas, de pessoas.

Com isso, o passado se dissipa.

Inexiste.

Fica pra trás.

É um começo.

Uma Despedida,

Um novo (re)começo...

Quando as histórias dos sujeitos se entrançam nesses enredos, há a possibilidade de observar/aprofundar as questões que emergem. A depender do profissional envolvido na mediação das tramas (sujeito/linguagem), a biblioterapia pode ajudá-lo a aproximar (clínica/psicólogo) ou distanciá-lo (desenvolvimento/bibliotecário e outros profissionais fora do eixo saúde) das suas angústias.

No momento da detecção das crenças, o importante é deixar que escapem, de modo que libertas, o indivíduo consiga externar seus sentimentos e ideias. O que deve ser ressaltado na biblioterapia é a ajuda, a abertura proposta do/no “espaço para uma transformação de sua situação de vida” (SEIXAS, 2014, p. 88). Este momento de evocar/problematizar/transversalizar crenças, Seixas, denomina de “efeito saca-rolhas”. Nele, “há trechos que podem evocar dores mais profundas [...] como se o que estancava a emoção se dissolvesse e permitisse o seu fluxo” (SEIXAS, 2014, p. 25).

Como forma de exemplificar este momento em uma intervenção, um caso de minha experiência pede passagem. Uma criança negra, do segundo ano das séries iniciais, da educação básica (local da maioria de minhas experiências e onde no momento me desenho como aplicador de biblioterapia), viu-se de chacota diante de outros colegas, compondo neste grupo uma das três crianças negras da sala. Neste escolar, havia também

o peso de um possível diagnóstico soropositivo. Na comunidade na qual estava inserido, era alvo de comentários velados. Muitas vezes sem o compromisso de como este iria afetá-lo, quando na escuta de um colega de sala, mas chegavam no ambiente escolar e da forma mais tóxica e cruel possível.

Estava na condição de professor complementar da disciplina de ciências, na minha segunda aula que ocorria semanalmente, quando fui puxado frente a olhos marejados e ao ouvido escutei: *Professor, o [n.] me chamou de macaco, de macaco*. A sensação da voz baixa da criança soou como se o que era dito fosse algo infalável. Até o término da frase, a sensação era de um discurso que queria, gostaria de se emudecer, falhava.

Fui atravessado pela dor do garoto, pois assim como ele, muitas vezes fui também alvo por ser negro no período escolar. Fui nessa época, pela ignorância de muitos colegas, hoje amigos e até mesmo no meio familiar, o cabelo de bombril, o mussum por muito tempo.

No tempo, não havia abertura de espaço e discussão na família, não era um assunto do ambiente escolar. Era um ferir que não passava de brincadeiras “sem maldade” e infantis. Onde o oprimido ferido estancava na solidão a sangria que todo dia doía. A escola principalmente, era um absorver traumas, era difícil ser negro e ir a ela, mais que um desejo de emancipação, era um ato de coragem.

Com isso, quis fazer diferente, o acolhimento que na época não tive, ofereci a ele. Em um primeiro momento, na hora da escuta na forma de um rompante, alterei-me falando alto e em bom som na sala, que macaco não, somos negros! Uma identidade hoje (re)elaborada, mas construída com muita dificuldade. Há uma ausência de um referencial negro e a discussão social ainda é muito superficial. E no meu período escolar, o mais normal era dissolver-se na busca de algo que não se era ou em padronizações para aceitação do outro.

Sensibilizado por algo que supostamente era contínuo na sala e pela lembrança da angústia do meu aluno, decidi romper com o silêncio negro na aula, na escola. Busquei exigir humanidades a mim, a ele, aos negros e iniciar um percurso na minha trajetória profissional de desnaturalizar uma voz que se acha autorizada a falar de todos os humanos, que é a voz branca. Que há muito tempo ecoa e molda mentes e favoreceu para que no momento do reclamo do aluno, a voz dele fosse falhada e baixa. Fiz com os trechos a seguir, uma prática biblioterapêutica como atividade de minha docência, que teve como

inspiração a obra *A menina que roubava livros*, utilizando para isso em conjunto, o livro e o filme homônimo, a partir do recorte do *O incidente de Jesse Owens*:

Era 1936. A Olimpíada. Os jogos de Hitler.

Jesse Owens acabara de completar o revezamento 4x100 e conquistara sua quarta medalha de ouro. A história de que ele era sub-humano, por ser negro, e da recusa de Hitler a lhe apertar a mão foi alardeada pelo mundo afora. Até os alemães mais racistas ficaram admirados com os esforços de Owens, e a notícia de sua proeza vazou pelas brechas.

Ninguém ficou mais admirado do que Rudy Steiner.

Todos os seus familiares estavam amontoados na sala da família quando ele se esgueirou para a cozinha. Tirou um pouco de carvão do fogão e segurou as pedras nas mãozinhas miúdas. “É agora.” Veio o sorriso. Ele estava pronto.

Esfregou bem o carvão no corpo, numa camada espessa, até ficar coberto de preto. Até no cabelo deu uma esfregada.

Na janela, o menino deu um sorriso quase maníaco para seu reflexo, e de short e camiseta surrupiou silenciosamente a bicicleta do irmão mais velho e saiu pedalando pela rua, em direção ao Oval Hubert. Escondera num dos bolsos uns pedaços extras de carvão, para o caso de parte dele sair, mais tarde.

[...]

A bicicleta enferrujada parou com um tranco na cerca do Oval Hubert, que Rudy escalou. Desceu do outro lado e foi saltitando, desajeitado, até o começo dos cem metros. Com entusiasmo, fez uma série de alongamentos pavorosos. Cavou buracos para a partida na terra.

À espera de seu momento, andou de um lado para outro, reunindo a concentração sob o céu de trevas, com a Lua e as nuvens vigiando, tensas.

- Owens está com pinta de vencedor – começou a comentar. - Esta talvez seja sua maior vitória de todos os tempos...

Apertou as mãos imaginárias dos outros atletas e lhes desejou boa sorte, muito embora soubesse. Eles não tinham a menor chance.

O juiz da largada fez sinal para que todos os atletas avançassem. Uma multidão materializou-se em cada centímetro quadrado da circunferência do Oval Hubert. Todos gritavam uma coisa só. Entoavam o nome Rudy Steiner – e seu nome era Jesse Owens.

Calaram-se todos.

Os pés descalços do menino agarraram o chão. Ele podia sentir a terra grudada entre os dedos.

Ao comando do juiz de largada, assumiu a posição - e a pistola abriu um buraco na noite.

No primeiro terço da corrida, foi tudo bastante equilibrado, mas era só uma questão de tempo para que Owens encarvoadado se livrasse e aumentasse a vantagem.

_ Owens na frente. – gritou a voz esganiçada do menino, enquanto ele corria pela pista deserta, diretamente em direção aos aplausos retumbantes da glória olímpica. Chegou até a sentir a fita romper-se em duas em seu peito, ao atravessá-la em primeiro lugar. O homem mais veloz da terra (ZUSAK, 2013, p. 53-54).

Chbosky (2017) na versão cinematográfica da obra de mesmo nome - *Extraordinário*, na voz do personagem *Auggie Pullman*, afirma que “*Se você está em um lugar que não gosta, imagine estar no lugar dos seus sonhos*”. Pela observação do aluno na sala, não percebi um desprazer da sua parte em estar no ambiente escolar, foi perceptível uma insatisfação ao ser colocado na condição de animal, um macaco. Não se sabe a significação dada pela criança falante na comparação e nem da receptora quanto a agressão, até porque a criticidade para se ter a noção da gravidade deles é rasa pela idade (7/8 anos). Mas, enquanto professor vejo um problema: Uma demonstração clara de preconceito e racismo.

Sabe-se que apesar dos longos anos pós escravatura, ainda existe em nossa sociedade resquícios do pensamento colonial grave e forte. A escola vive ainda esta conjuntura. Nas relações entre os escolares, às vezes tento infiltrar-me e nessas situações é assustador o que escuto: tição, carvão e outros termos pejorativos, aqui tendo como recorte o ser negro. Há diferentes julgamentos aos diversos grupos tidos como minoritários. E sempre no sentido diminutivo, quando o emissor do discurso é aquele que se reconhece como padrão. Talvez isso justifique o choro do aluno ao ter ouvido ser comparado ao animal macaco.

Portanto, pelo trecho acima busquei o reconhecimento e valorização do ser negro. Ao explicar o contexto da obra, já ficou claro para turma a façanha feita por *Jesse Owens*. O atleta em foco, foi subversivo em época e território onde o ser branco reinava. *Owens* abalou a noção de preconceito e racismo de muitos povos e nações. Por ser uma história real, acredito que a partir deste episódio, houve o (re)conhecimento do negro como sinônimo de força e poder no mundo.

No instante da leitura do trecho da minha parte enquanto aplicador de biblioterapia, clarificou-se a noção de temporalidade da leitura. E agora soma-se a ideia de corporeidade já apresentada. A leitura biblioterapêutica na perspectiva temporal, não se vale apenas do tempo presente. Como aponta Caldin (2010), ler nesta compreensão, tem a capacidade plástica, transitória entre passado, presente e futuro, sem admitir fronteiras, tornando também desterritorializada.

Nesse sentido, ela convocou o aluno para o futuro, um futuro na perspectiva do desejo e da fruição. Afinal como defendo, ler/ouvir com fruição é libertar-se. “É criar realidades mentais através da memória e imaginação, para divertir-se, para ausentar-se de uma situação desfavorável e imaginar outra” (SEIXAS, 2014, p. 69).

Dessa forma, a situação possibilitou a observação de um fascínio e adoração branca demonstrada pelo personagem *Rudy Steiner* à *Jesse Owens*. Resultando a ideia de que o fato dele (*Jesse Owens*) ser negro não gera nenhum efeito negativo sobre a admiração do garoto (*Rudy Steiner*). Pelo contrário, o humaniza numa perspectiva inocente e humorada, mesmo em oposição ao ideal ariano do contexto da obra. Por esta perspectiva, vi pelo olhar do aluno um novo mundo a se descortinar, um desejo em que se valorize a raça negra e que ela não se configure como superior, mas com igualdade de condições de existir.

Ressonâncias também foram observadas no restante da turma. Na exibição do filme a ideia passada na leitura, materializava-se pelo olhar sob a estranheza do incomum. No momento da cena alguns alunos enunciaram nunca ter visto algo semelhante, como demonstrando pelo discurso de um deles “*Nem, nenhum menino branco quer ser preto*”³. Percebi com isso, um poder duplo da leitura. De um lado, o encantamento do aluno negro semelhante ao de *Rudy Steiner* e do outro, a excentricidade que a cena conferia aos ditos padrão humano.

Com isso, vi um movimento que me faz argumentar que os indivíduos não possuem a necessidade de obter uma visão precisa ou exata sobre as coisas, seres e objetos. É necessário sim, uma composição de olhar diferente sobre eles, “O simples fato de [as] pessoa[s] ver[em] o mesmo fato de outro ângulo já provoca o movimento” (SEIXAS, 2014, p.105). Ampliando esta ideia, Pozzana (2013, p. 335) apresenta a seguinte fala:

Quando acontecimentos são narrados e compartilhados, personagens, lugares, conversas, texturas e imagens ganham espaço em nossa vida. Somos forçados a pensar. Suspensões interrogam nossas posições de poder e saber.[...] Por meio de fatos, do contar fatos, da descrição de cenas, sonhos, pausas, acelerações, acompanhamos o que nos toca e [...] tudo [que] se passa no campo,[...] no texto, em nós, no mundo.

Varela (1996) amplia ainda mais o que acima é dito ao apontar que somos amigáveis conosco quando nos abrimos, expomos aos outros nossas formas e tendências de fixação de pensamento. Para ele, isso é o que expande nossa capacidade de atenção com cada um de nós, de cuidado com o outro, com o ser. Esta atitude é abrir-se ao coletivo. Com isso, surge a possibilidade de encontrarmos outra noção de leitura, além da

³ Discurso retirado de diário de campo, de intervenção biblioterapêutica específica para a problematização das relações étnicos raciais na escola.

corporeidade e temporal na biblioterapia, ou seja, ela também pode ser descentrada. Nesse sentido, ler é um ato descentrado na medida em que o indivíduo ao sair de si, permite que o outro ganhe voz. Na prática biblioterapêutica, há a autorização para rupturas da fala de um autor com a do ouvinte ou leitor. Nessa dialética de rupturas, de falas (autor/leitor) se produz significação (CALDIN, 2010).

Nos rastros demarcados até aqui, deixo meus deslocamentos práticos na biblioterapia à guisa de aprendizagens e contribuição para todos que queiram e assumam efetivamente a prática. No entanto, retomo a ideia de que a formação só se concretiza com a curiosidade e pragmática atenta em meio ao coletivo, ao mundo. Com isso, trago no ensejo também, a necessidade de a mesma reivindicar, diálogo, transpiração, trabalho, tolerância, prudência, cautela, silêncio, escuta, fala, vontade, liberdade. Mas acima de tudo, desimpedimentos e disponibilidade para o que não se conhece, principalmente muito estudo. Com isso, no que segue, especifico a biblioterapia na perspectiva do método cartográfico enquanto pesquisa.

2.1 QUE TIPO DE PESQUISA ESTAMOS FALANDO QUANDO ASSOCIAMOS A BIBLIOTERAPIA AO MÉTODO CARTOGRÁFICO?

Pensar a biblioterapia como proposição da perspectiva acima, é necessário um processo cognitivo de des-cisão. É preciso considerar uma reconciliação no hiato imposto ao saber/fazer conhecimento preconizado pelo paradigma de ciência moderna ou cartesiana. Que claramente formulou a separação: sujeito (universal, não histórico), do objeto (acabado, imutável) e como resultante vem redigindo verdades absolutas. É preciso uma transgressão radical nesse modo de pensar, com isso, “[...] não [se] tenta substituir uma verdade por outra “melhor” ou “mais objetiva”, mas coloca-se no jogo do discurso como visada histórica possível entre outras” (PRADO-FILHO, 2006, p. 29, grifo do autor).

Nessa desconstrução, surge a possibilidade de trabalho da biblioterapia aliada a cartografia, uma vez que há a possibilidade de acesso ao singular e, ainda mais, ligá-lo ao cuidar. Já que acessar este singular na biblioterapia é cuidar. Nesse sentido, a cartografia como método de pesquisa surge confabulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, numa vertente de paradigmas emergentes que reconsidera a complexidade da realidade e a subjetividade dos sujeitos, refutando a verdade que vem se impondo como resquícios do paradigma positivista já mencionado.

A cartografia, desse modo, porta uma concepção de mundo e de subjetividade diferenciada no modo de produção da ciência, “um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico” (ROMAGNOLI, 2009, p. 169). Com ela, o conhecimento se dá na práxis, na transformação mediante a ação. Visa ainda:

[...] à mobilização e à tomada de consciência. Valoriza ainda a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa, as oposições contraditórias entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens (ROMAGNOLI, 2009, p. 167).

Neste sentido, o método configura-se como uma valiosa ferramenta que faz emergir zonas de indeterminação ao problematizar o objeto de estudo, baseado nas diferenças, no sentido de se compreender o conhecimento diante da complexidade. Então, quais aspectos pode-se dialogar com a biblioterapia? Início este questionamento apontando a duplicidade que assim como a cartografia, a biblioterapia reivindica. Sim! Vida dupla. Provocar, produzir narrativas biblioterapêuticas como pesquisa, é um movimento que incita um deslocamento de vida dupla e efeito ziguezagueante.

A prática de produção delas sugerem um rompimento nos sujeitos participantes daquilo que impede a expansão da vida e convoca-os a uma potencialização de seus seres/estares no mundo. Neste mesmo sentido ambivalente, se compreende a prática cartográfica, “Ao mesmo tempo que se vê sob o signo de construção e expansão da vida, também inclui o destruir, o aniquilar e o demolir, raspar e demover aquilo que pesa sobre a vida” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 166).

Nesse sentido, a pesquisa que se insere no contexto biblioterapêutico sob a abordagem cartográfica é a pesquisa-intervenção. Como aponta Melo (2013) apoiar-se sob o método de pesquisa-intervenção, requer a conexão do pesquisador e do objeto juntos na construção de sentidos no que diz respeito as práticas investigadas.

Passos e Barros (2015, p. 19) complementam afirmando que “o campo de análise se distingue, mas não se separa do campo de intervenção [...], a análise se faz sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva”. O que se objetiva é a busca dos movimentos que fazem emergir os processos de subjetivação. Desse modo, o ponto forte desta tipologia de pesquisa é a experiência, um saber-fazer advindo da prática. Com base nestas explicações, surge a problematização seguinte.

2.2 COMO PENSAR NAS NARRATIVAS BIBLIOTERAPÊUTICAS ENQUANTO OBJETO DA PRÁTICA/PESQUISA EM BIBLIOTERAPIA NA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA SOB O VIÉS DA PESQUISA-INTERVENÇÃO?

Antes de aprofundar sobre a ponderação acima, é preciso que eu esclareça que toda prática precisa ser pesquisada. Por este entendimento, a própria prática gera e estimula a pesquisa, coegendra-se com ela num movimento de afetações em um regime de colaboração. No entanto, para se compreender as narrativas biblioterapêuticas enquanto objeto da prática/pesquisa, é necessário retomar e aprofundar a noção de histórias já apresentada.

Nas histórias presentes nas narrativas biblioterapêuticas são contadas as percepções, a vida dos sujeitos, seus universos sociotemporais que só podem ser expostos no tempo contemporâneo. E dentro delas, há muito a se questionar. Nisso, trago alguns dos questionamentos pensados por Mairesse e Fosenca (2002, p. 111) ao apontarem o contar e escutar como redes de tradução na busca da criação de sentidos na prática cartográfica. Assim temos: “Que fala é essa que atravessa o discurso do sujeito? A quem se dirige essa fala? Que tipo de discurso se constitui nesta fala?”.

Bem, todas estas interrogações dizem respeito ao próprio sujeito que fala, o participante da prática. E essa fala ziguezagueia na medida em que é atravessada entre o que se fala e o que essa fala reivindica como resposta, “um efeito entre oferta e a demanda produzida no pedido da palavra” (MAIRESSE; FOSENCA, 2002, p. 112). Desse modo, as contações emergentes nas narrativas biblioterapêuticas remetem um sentido ao sujeito que enuncia a fala provocando um movimento de libertação. Deixar fluir o de dentro, expurgando para fora, libertando o encarceramento daquilo que se esconde, se refugia em um cárcere (crenças).

As narrativas biblioterapêuticas, desta forma, são passagens, visam dar passagem, agenciar o sujeito para uma nova possibilidade de ser. Com dispositivos de disparo infinitos, a biblioterapia com uso das diversas linguagens, dialogam com esse sujeito, provocando-o a um (re)processamento, um devir para a diferença.

Então, como delinear objetos de pesquisa na biblioterapia na abordagem cartográfica? Para tornar a resposta do questionamento didático, trago outro exemplo de minha prática no território da escola. Há quase oito anos trabalho em zona periférica (onde as políticas públicas e assistenciais pouco se mostram eficientes) no município de Teresina (PI), região esta, que tem como perfil de habitantes, indivíduos com baixa

escolaridade, e como consequência, geralmente com baixo senso crítico. E como resultante, surge um cenário repleto de conflitos, a citar: a violência contra a mulher.

Ela não deveria inserir-se no espaço escolar, mas o adentra das diversas formas. Em específico, trago aqui recortes de uma intervenção intitulada: *Desconstruindo Amélia, produzindo Marias, Vitória e tantas outras: provocando alterações e outras de si mesmas por meio da biblioterapia*⁴, tendo como objetivo cartográfico responder o seguinte questionamento: *O que faz crianças do sexo feminino no cotidiano de suas brincadeiras apresentarem submissão e passividade como comportamentos a serem seguidos pelas mulheres e a dominação masculina como um aspecto naturalizado?* O que me fez construir tal atravessamento, surgiu da observação do brincar de escolares em meio a minha atividade docente.

Dois alunos (primos), em dia de avaliação da aprendizagem, de sexos distintos, de uma turma de quinze discentes apresentaram a ideia de brincarem até a finalização da mesma por todos. Inicialmente não me opus, no entanto, fiquei a observar a tipologia da brincadeira, assim como, a adequação da mesma ao ambiente da sala para que não houvesse interferência naqueles que ainda estavam em processo avaliativo.

Sussurros, e por fim, a escuta da seguinte frase: *“Vagabunda, eu vou bater na tua cara”*, com simulação do tapa pelo garoto. Inicialmente, pensei ser um conflito entre ambos, o que não justificaria tamanha agressão por parte do menino à prima. No entanto, quando questionados o porquê de tal comportamento, afirmaram estarem brincando (*brincadeira de marido e mulher*). Como assim? Uma brincadeira? E por fim, a argumentação da menina com as colegas também participantes daquela situação, da normalidade do comportamento do primo com o seguinte discurso: *“É normal, ele é menino”*.

Com base nesta situação, na medida em que percebi o fluxo gerado nesta circunstância, gesticulei um movimento/imagem com possibilidades de atuação, colocando-me junto às crianças em coautoria para produzir conhecimento sobre a experiência. Já que pela postura do garoto e a verbalização da menina, foi observado linhas de forças silenciosas e perceptíveis de violência de gênero. Desse modo, numa perspectiva dupla, procurei rastrear o pensamento dos meninos e das meninas para a compreensão do fato, pois entendo que a formação social, embora com avanços, ainda apresenta grandes e

⁴ Idade do público da intervenção: entre 9 e 12 anos.

fortes resquícios patriarcais e machistas que projetam o pensar masculino e feminino de formas diferentes

Lembro que a primeira atividade foi uma audiência musical escolhida pelos alunos como tarefa de casa, onde nela a figura da mulher teria que ter algum protagonismo, para assim refletirmos a letra. Por votação, das treze letras trazidas como devolutiva, a música escolhida para reflexão foi “*Não me abandona – Interpretada pela banda Forró Real*”.

A letra traz como eu lírico, uma mulher e sugere um triângulo amoroso entre um homem e duas mulheres. Esta que narra a história, reivindica sua importância para este homem, ao tempo que se mostra muito fragilizada com a situação, assim como, dependente emocionalmente dele:

Sei que teu amor é pouco, mas vai ter que decidir
Ou fica com ela, ou fica comigo.
Não vou te dividir.
Uma mulher que só quer te usar,
Que não sente a metade do amor que eu sinto
Que não sabe o que é amar.

Não me abandona, não me faz chorar
Não deixe que ela nem ninguém, nos separe
Minha paixão,
Antes que eu morra de ciúmes
Mande ela passear

Eu sei que ela fez juras de amor
É só fingimento
É tudo mentira
Quer tomar meu lugar.
Mas sei que o tempo irá te convencer
Que ninguém no mundo vai te amar um dia
Como eu amo você

Não me abandona, não me faz chorar
Não deixe que ela nem ninguém, nos separe
Minha paixão,
Antes que eu morra de ciúmes
Mande ela passear.

Por esta letra, operou-se o que o método cartográfico denomina de transversalidade. A discussão e problematização trazida por ela, fez com que as falas escolares acerca do tema, trouxessem as tensões geradas pelas diferenças. De um lado, as meninas com discursos de apoio e solidariedade a mulher que se enuncia pela letra. E do outro, os meninos confirmando o imaginário ainda forte e esperado do garanhão e

convocado ainda no presente as masculinidades. De que, com uma é pouco, com duas é bem melhor.

Pelos discursos percebeu-se claramente a dicotomia apresentada pelo modo positivista do pensar. Inclusive, uma suposição pelos discursos dos escolares masculinos de hierarquização, já que quando questionados se o comportamento fosse o contrário, a mulher e escapes extraconjugais, a resposta em coro foi de imediato: não. Até mesmo pode-se ouvir com o questionamento, palavras pejorativas ao sexo feminino, como apresentado pelo discurso do aluno na brincadeira disparadora desta intervenção. O aspecto infidelidade foi algo que me chamou atenção, tantos dos meninos quanto das meninas. Pelos discursos emitidos foi observado uma tendência a naturalização desta prática.

Costa e Cenci (2014) apontam em estudo que as crenças culturais é um dos fatores que ocasionam a infidelidade. Apesar de hoje, o público da intervenção serem crianças, o pensar como demonstrado é prejudicial para a construção de adulto que serão e para os possíveis relacionamentos que desenvolverão. Com isso, retomamos aquilo que já pontuamos sobre as crenças.

O engajamento dos diferentes sujeitos implicados no processo de pesquisa [...], põe em análise, frequentemente as crenças [...]. Nesse sentido, afirmar o protagonismo do objeto nos força a incluir os efeitos críticos ou os analisadores da pesquisa que emergem da colocação lado a lado dos diferentes sujeitos (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 273).

Tendo como recorte apenas a intervenção produzida no público das meninas em um total de seis, os analisadores da prática, a partir dos dados produzidos, me permitiu inferir que o imaginário da mulher é entendido como frágil, passiva e vulnerável emocionalmente. Aspectos resultantes da transferência do imaginário midiático mediante novelas, o consumo e a transversalidade com músicas de forma acrítica. Mas principalmente, da reprodução da violência vivida em casa, onde três das seis alunas, afirmaram já terem presenciado violência de pais, padrastos ou parceiros com suas mães e madrastas. Talvez isso justifique o discurso “*É normal, ele é menino*”, de uma delas.

Estas mesmas ressonâncias também puderam ser vistas nos discursos de dois, dos nove dos meninos. Acredito que as naturalizações e representações do ser mulher e ser homem manifestadas pela situação aqui narrada e nos discursos da maioria dos escolares, além de contarem com a contribuição para se desenvolverem mediante os aspectos

evidenciados, são frutos também dos referenciais familiares. Já que tanto a mãe, como o pai são as primeiras referências infantis, e, portanto, modelos seguidos. Com isso, partimos para o movimento coletivo de desnaturalização, um caminho para a ampliação do conhecimento, pois como apontam, Kastrup e Barros (2013, p. 277):

Não basta reconhecer a diferença [..]. Sem irmos mais longe, tal reconhecimento nos encarceraria em mundos separados e excludentes. Para além da diferença que separa e da semelhança que exclui, a cartografia fala de um comum heterogêneo e construído.

Nisso, continuei a utilizar o gênero música, com a letra – *Cuida bem dela*, interpretação da dupla Sertaneja - Henrique e Juliano e o conto a partir da obra “*Branca de Neve e o caçador*” de Lily Blake *et. al* (2012). Uma vez que eles, (letra e conto) convergem ao que Kastrup e Barros, (2013, p. 274), colocam:

Não podemos contar com invariantes que nos obrigam a uma universalidade supostamente dada. Temos, ao contrário, que encontrar e produzir equivalentes. Nos termos da pesquisa cartográfica, a equivalência produzida não é sinônimo de correspondência, mas se dá como sintonia no plano de forças.

Aqui, a sintonia se dá não pela semelhança, mas pela desconstrução. Já que o plano de forças circulantes no território da sala, era de uma mulher dependente e objetificada tanto no imaginário masculino, como também no feminino. Assim, cheguei a um ponto fundamental na pesquisa cartográfica que é o *felt-meaning*⁵. Como aponta os mesmos autores acima, “trata-se de um entendimento corporal e que é capaz de produzir transformações” (KASTRUP; BARROS, 2013, p. 275).

Tanto na biblioterapia, como na cartografia, ele não se apresenta como algo específico, mas numa perspectiva que emerge da experiência. Buscou-se desta forma, com os textos escolhidos, a infiltração nas suas linguagens e a modulação temporal de cada sujeito participante para abertura da diferenciação. Desse modo, a seguir apresento os sentires provocados pela reflexão da letra aqui evidenciada, a partir do *site letras de canciones*.

⁵ Palavra sem uma tradução exata para o idioma português. Mas aqui neste relato tem como sentido intuição.

Sabe aquela menina sentada ali?
Com o olhar desconfiado, tão inocente
Eu já fui doente naquela mulher

Eu sei que agora ela deve tá olhando de lá
Tão sem graça, vendo o presente e o passado
Conversando de um assunto, ela já sabe qual é

Esse é meu único aviso
Se ela quis ficar contigo
Faça ela feliz, faça ela feliz

Cuida bem dela
Você não vai conhecer alguém melhor que ela
Promete pra mim
O que você jurar pra ela, você vai cumprir

Cuida bem dela
Ela gosta que reparem no cabelo dela
Foi por um triz
Mas fui incapaz de ser o que ela sempre quis

Faça ela feliz

Diferente da primeira composição analisada, a mulher é trazida para o contexto da letra pelo viés de uma voz masculina. A mesma é apenas espectadora de uma cena apontada pelos alunos como incomum. Para alguns, a situação geraria conflito no mundo real, já que para grande maioria como afirma um dos alunos “*é impossível tal situação de conversa, quando homens competem por uma mulher*”. Aqui percebe-se, o quanto como humanos e seres sociais precisamos evoluir.

Apesar disso, outros afirmaram que poderiam se comportar tal qual como a letra enuncia. O interessante foi a conclusão por parte deles. Que o eu lírico da música descreve a situação sob a perspectiva do cuidado, já que a letra sugere o aconselhamento de um ex namorado ao atual das preferências desta mulher. As meninas também chegaram à conclusão ao compararem esta letra com a anterior, de que a postura da mulher muda, como observado pela narrativa de uma das alunas “*No forró a mulher sofre, se diminui ao se comparar com a outra. Nessa não, ela deve ter achado graça, já que os seus namorados conversam sobre ela*”

Embora pontual e mínima, cabe uma ponderação sobre o ser mulher e homem nas músicas. O consumo acrítico de músicas, principalmente as de maiores audiência e exibição midiática, causam nas subjetividades desde a infância uma construção tóxica do

ser. Nelas, a figura do homem vem quase sempre atrelada ao comportamento machista e a mulher é objetificada, submissa e dependente emocionalmente dos parceiros. As relações amorosas também sempre se estabelecem numa perspectiva líquida, efêmera, com visível enfraquecimento dos laços. Nisso, o ideal de felicidade também é algo a se ponderar, pois a felicidade que emerge é a garrafada, onde o álcool é cura para os (des)afetos e (des)amores.

Como educador me convido constantemente a essas reflexões em sala, reflexões que vislumbrem a alteridade. Com este mesmo olhar de mudanças, introduzi Branca de neve com leituras dos trechos a seguir:

Prepare-se, minha querida, pois se aproxima o dia em que você deverá fazer o sacrifício de governar esse reino (BLAKE *et.al.*, 2012, p. 126).

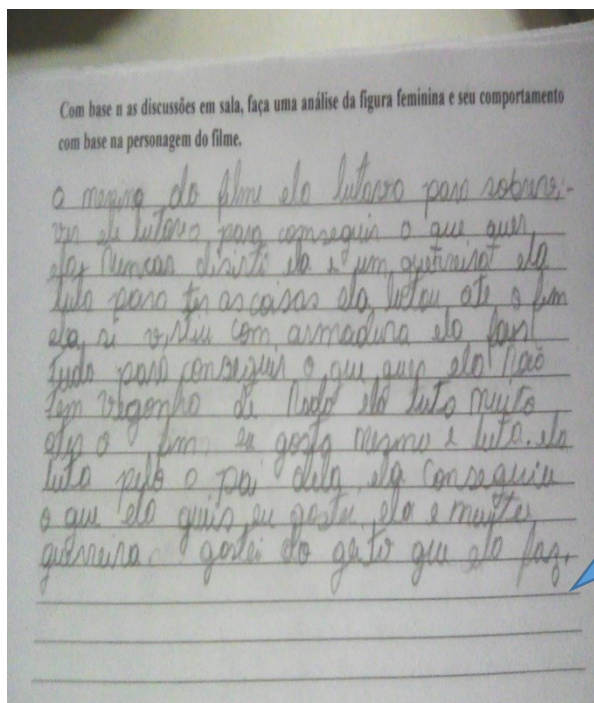
As mulheres nunca haviam lutado no exército, não era permitido (BLAKE *et.al.*, 2012, p. 127).

A forma como Branca de Neve o salvou na floresta sombria significava algo. Ela tinha uma coragem incomum dentro dela (BLAKE *et.al.*, 2012, p. 127).

Foi me dito que eu os represento – Branca de Neve disse em voz alta, as palavras lhe vindo facilmente. Não sentia nada além de paz. Nunca estivera tão certa sobre alguma coisa. – Foi me dito que meu papel não é lutar, mas ficar aqui, de forma segura por trás desses muros. Eu não vou fazer isso. – Olhou para Muir, que a olhava com olhos brilhantes. – Acredito que a vida é sagrada, ainda mais desde que eu experimentei a liberdade – Branca de Neve continuou. – Mas perdi o medo da morte. Se Ravenna vier contra mim, vou correr ao seu encontro. E se ela não vier ao meu encontro, vou correr ao seu encontro. Sozinha, se eu precisar. – Branca de Neve voltou-se para os generais postados do lado de fora de uma tenda enorme. – Mas, se vocês se juntarem a mim, terei prazer de dar a minha vida por vocês (BLAKE *et.al.*, 2012, p. 188).

Pelos trechos, busquei consolidar ludicamente o deslocamento já apresentado pelos escolares. Branca de Neve na obra abre espaço para a emergência da menina/mulher sofredora para um lugar de reconhecimento e autonomia feminina, condizente com o papel conferido à mulher pelas teorias e avanços sociais atualmente. A elaboração construída por esta adaptação da obra original é interessante porque há a desconstrução da princesa, para a apresentação de uma personagem com

comportamentos de *femme fatale*⁶. E com isso, logo me deparei com enunciações como a que segue:



A menina do filme lutava para sobreviver. Ela lutava para conseguir o que quer. Ela nunca desiste. É uma guerreira. Lutou até o fim. Vestiu uma armadura. Ela não tem vergonha de nada. Ela luta pelo pai. Eu gostei, ela é muito guerreira. Gostei do jeito que ela faz.

A intenção com a intervenção não foi moldar comportamentos com apresentação de textos com ideais moralizantes, mas provocar a mobilidade imaginativa e a desconstrução para abertura de novas composições. Uma vez que, de um lado observou-se meninos que possuíam crenças na superioridade masculina e da necessidade de dependência do sexo feminino, e do outro, meninas com o imaginário e identidade de mulher fragilizada, distorcida e em total divergência sobre a configuração de mulher atual.

Embora apresentado apenas pela situação narrada, as “sutilezas” aqui demonstradas sobre o ser mulher a tempos me chama atenção no território que me faço cartógrafo e aplico biblioterapia, por ser um território extremamente machista, e este aspecto se apresentar também pelo olhar feminino, as principais vítimas desta tipologia de pensamento.

Pensar esta intervenção é possibilitar um olhar duplo: Um novo olhar de uma menina sobre o ser mulher e uma (re)configuração do olhar masculino sobre o feminino. É preciso romper com um pensamento feminino machista e com o machismo. Considerar

⁶ Palavra originária do francês e denomina fêmea fatal. No texto, demonstra o ar de heroína da personagem ao final do enredo.

uma prática sobre esta perspectiva, autoriza uma criança ao nascer e se desenvolver em uma cultura como esta, desacreditar, negar esse modelo como único e correto. Com base no que expus, surge o próximo e último questionamento que me detive a problematizar.

2.3 QUAL CAMINHO SEGUIR ENQUANTO APLICADOR/PESQUISADOR DE BIBLIOTERAPIA NA CONDIÇÃO DE CARTÓGRAFO NO SEU TERRITÓRIO DE ATUAÇÃO?

Cartografar como já dito é estar diante de acontecimentos, ao acaso. A vida trazida nas histórias que emergem nas narrativas biblioterapêuticas são acontecimentos disparados pela ausência de uma contingência uniforme, linhas retilíneas de fatos, objetos e pensamentos. Sendo assim, elas se estabelecem pelo mesmo raciocínio da cartografia, na medida em que se percebe que “Não adota[m] a lógica do princípio e do fim; [...] nem começa[m] [...] pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina[m] com as conclusões, ou com o final, ou com a tese; ou tem a pretensão de ter[em] esgotado o objeto ou tema de pesquisa” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 168).

Tanto o método cartográfico como a biblioterapia, situa-se no meio, no fluxo dos pensamentos, nos movimentos. Desta maneira, a prática e pesquisa da biblioterapia sob este método não segue um protocolo organizado, normalizações. Ela é mais dependente do quanto o aplicador de biblioterapia/cartógrafo está implicado na experimentação destes movimentos e do pensar de todos os envolvidos.

Nesta perspectiva, o movimento seguido é inventivo e depende da criatividade. Nesta ótica, em minhas práticas também sou um artista: fabulo, invento, experimento e assim me movo nos territórios, sejam eles físicos ou subjetivos. Bibliocartografar, uma junção da biblioterapia com a cartografia, é ser criança em desassossego. É criar mundos, fabular cenários, imaginar personagens como é próprio do literato ao inventar enredos.

Ao concordar que desenvolver a prática em biblioterapia sob a abordagem cartográfica é inventar vida, novos enredos e personagens, é que traço humildemente deslocamentos. Passos guiantes que denomino de confissões, pistas na qual dei como nomes: *Matizes e Gradações; Turbulência do Amor; Objetos e O caminho das palavras*. Apenas rascunhos, no qual despretensiosamente vislumbro o traçado da prática da biblioterapia associada ao método, com pitadas de afetação e paixões. Já que trago para explicá-las, a obra na qual conheci em 2016 e que a cada nova leitura desenvolvo sempre uma nova afeição por ela.

Nesse sentido, retomo a partir de minhas leituras a obra *A menina que roubava livros* de Markus Zusak (uma das melhores obras já lidas por mim), com o empréstimo das nomenclaturas dos passos, assim como, na convocação de sua narradora para vislumbrar o andar com trechos em analogia as explicações. Assim, temos:

Confissão I - Matizes e Gradações:

UMA PEQUENA TEORIA

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas para mim está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e gradações, a cada momento que passa. Uma só hora pode consistir em milhares de cores diferentes. Amarelos céreos, azuis borrifados de nuvens. Escuridões enevoadas. No meu ramo de atividade faço questão de notá-las (ZUSAK, 2013, p. 10).

O olhar, também denominado de atenção, é um significado caro e favorecido para a biblioterapia na abordagem cartográfica. Como bem atesta a narradora da história, é preciso ter um olhar para fora do comum. Enxergar além do que todo mundo enxerga. É necessário ter a essência do olhar de matizes e gradações ao observar o dia, para assim conferir a infinidade de cores que ele pode nos proporcionar. Com isso, o olhar do aplicador de biblioterapia/cartógrafo deve negar o sedentarismo, a frigidez e preferir a percepção do devir. Na prática em biblioterapia é uma questão importante notá-lo. Pois só assim, será capaz de desterritorializar as linhas de forças que aprisionam os sujeitos e os impendem do exercício da vida.

Então, como provocar o devir? Onde encontrá-lo? Como imergir nele? As respostas destas proposições emergem pela ótica do sentir, chocar-se a elas, na medida em que somos afetados e transversalizados com o que é posto, o feito nas práticas em biblioterapia. No entanto, cabe destacar que o exercício atencioso não é uma função simples.

Na pesquisa e na prática em biblioterapia não se trata de um destaque disso ou daquilo para posteriormente haver representação. Mas como já dito, e aqui reiterado, se desenvolve mediante a observação das crenças. Que quase sempre, como atesto por minha experiência, se demonstra de forma emaranhada, desconexa, o que requer de mim e do profissional que assuma a prática por esta abordagem, como é próprio da cartografia, uma atenção sem foco.

Com isso, a atenção e o olhar por esta perspectiva se assemelham a narradora do enredo aqui convocada, ou seja, a narradora da obra *A menina que roubava livros*. Ao demonstrar seu olhar sobre o dia e nele observar as várias cores entre o amanhecer e o anoitecer, diferente de muitos que focam apenas nestes dois polos, percebe-se uma atenção sob diferentes funcionamentos. Temos pela narradora, as diversas cores, diferentes momentos entre o crepúsculo do dia, em detrimento a incapacidade das pessoas na perspectiva da polarização ou mesmo visão única sobre as coisas.

E é nessa amplitude de espectros sobre o movimento atencional que na produção das narrativas sob a cartografia, o profissional deve assumir uma diversidade de atenções: seletiva ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, ou várias ao mesmo tempo em combinação (KASTRUP, 2015).

Com esta diversidade de tipologias de atenção, cabe responder o seguinte questionamento: *Onde repousar o olhar, e a partir disso, escolher o aspecto na qual problematizar?* Como já exposto, a partir das evidências de minha prática, “Tudo é uma questão de topologia, de superfícies, de linhas que não param de remeter umas às outras” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 170).

Confissão II - Turbulência do Amor:

No começo, Liesel não conseguiu dizer nada. Talvez fosse a súbita turbulência do amor que sentiu por ele [Rudy Steiner]. Ou será que sempre tinha o amado? Era provável. Impedida como estava de falar, desejou que ele a beijasse. Quis que ele arrastasse sua mão e a puxasse para si. Não importava onde a beijasse. Na boca, no pescoço, na face. Sua pele estava vazia para o beijo, esperando (ZUSAK, 2013, p. 448).

Aqui retomo a confissão anterior. E este passo, diz respeito exatamente ao questionamento apontado nela: *Onde repousar o olhar, e a partir disso, escolher o aspecto na qual problematizar?* A atenção desenvolvida pelo aplicador de biblioterapia cartógrafo não deve selecionar aspectos, algo ou elementos na percepção dada. Frente a isso, (KASTRUP, 2015, p. 35) aponta que ela configura “o próprio campo perceptivo”.

Por exemplo, a narradora ao apontar pela citação a turbulência da sensação amorosa (des)conhecida de *Liesel* por *Rudy*, marca exatamente a possibilidade de criação de mundos. É essa sensação de não conseguir dizer nada, mas sentindo tudo, é que se dá o encontro inesperado que a biblioterapia na abordagem cartográfica se faz e se cria.

É neste acaso, que se encontra na biblioterapia mediante os sujeitos em diálogos com as linguagens, os planos moventes, as ideias, a possibilidade de (re)invenção, os agenciamentos e as desterritorializações que podem produzir as narrativas biblioterapêuticas. Sempre interseccionando elementos heterogêneos, díspares, com foco no que pode vir e demonstrar de novo, num percurso nômade de afetação recíproca entre sujeito/linguagem/aplicador de biblioterapia.

Confissão III – Objetos:

*Max dispunha do que chamava de apenas uma raçõzinha de instrumentos:
Um livro pintado.
Um punhado de lápis.
Uma cabeça cheia de ideias.
Como um simples quebra-cabeças, juntou-as.
(ZUSAK, 2013, p. 245).*

É exatamente como na descrição acima, que vamos aos territórios cartografar narrativas biblioterapêuticas. Ultimamente tenho me valido mais de ideias do que qualquer outro instrumental. Como já pode ter percebido, esta confissão diz respeito de como produzir e lidar com as narrativas numa composição cartográfica.

Produzi-las e pensá-las, é raciocinar de forma única. Na prática aqui defendida, não se busca compor o pensamento sobre bordas, como um doce delimitado sobre uma lata. Mas, favorecer seu derrame sobre as diversas paisagens, momentos e vivências da vida, de forma, a “enfrentar, voltar-se, retornar, perder-se, apagar-se” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 53). O mundo projetado nesta confissão ainda se dá pela ótica da imaginação, no entanto, não deixa de existir. A seguir para exemplificar, mais uma vez nossa narradora pede o discurso:

Originalmente, Max havia pretendido escrever sua história. A ideia era escrever tudo que lhe acontecera – Tudo o que o tinha levado a um porão na rua Himmel -, mais não foi isso que saiu. O exílio de Max produziu algo inteiramente diverso. Era uma coleção de ideias ao acaso, e ele escolheu abraçá-las. Soavam verdadeiras. Eram mais reais do que as cartas que ele escrevia aos familiares e a seu amigo Walter Kugler, sabendo perfeitamente que nunca poderia enviá-las. As páginas profanadas de Mein Kampf foram-se transformando numa série de desenhos, página após página, que resumiam para ele, os acontecimentos que haviam trocado sua vida anterior por outra. Alguns levaram minutos. Outros, horas [...] (ZUSAK, 2013, p. 245).

Como observado, o mundo pensado na criação ainda nos rastros de uma cartografia, refere-se a um mundo particular enquanto possibilidade de existência. *Max* como descrito pela narradora, impôs na sua diversidade de invenção, o abraço verdadeiro do acaso de suas ideias, mesmo estas não correspondendo a sua verdadeira história. Por esta observação, fica evidente que a potência de fabulação imaginária, é que representa o solo fértil na qual uma biblioterapia cartográfica se engaja. É nesta fertilidade que se delinea o que é de fato pensar os territórios de produção das narrativas, assim como, sua análise.

Nesse sentido, a cartografia faz das narrativas produzidas uma prática e pesquisa de experimentação de todas as formas: fuga, resistência, mas principalmente de “forças” que ao invés de fixar um sentido único, sugerem aos sujeitos captação para o movimento de metamorfose, proliferação de sentidos.

Dessa forma, a atenção sob *matizes e gradações*; o movimento perceptível de uma *turbulência do amor*; *Objetos* problemas como fabulação imaginária são produções únicas que se fazem presentes no ato de cartografar as narrativas biblioterapêuticas, e somam-se a última confissão pensada, como demonstrada a seguir.

Confissão IV – O Caminhos das Palavras:

*As árvores eram altas e triangulares. Permaneceram caladas. Liesel tirou da bolsa A sacudidora das palavras e mostrou uma página a Rudy. Nela havia um menino com três medalhas penduradas no pescoço.
_ “Cabelos da cor de limões” – leu Rudy. Seus dedos tocaram as palavras.
(ZUSAK, 2013, p. 448).*

Esta última confissão é mais visível na pesquisa. No entanto, na prática em biblioterapia ela não se exclui. Pelo contrário, potencializa o processo, já que ao escrever, o sujeito se inscreve no mundo em que faz parte, no que ele idealiza. Cartografar em palavras as narrativas biblioterapêuticas não é contar uma história, nem apontar o que encontramos em um território de atuação.

É apenas traduzir em palavras as sensibilidades. É sacudir as palavras como a roubadora de livros ou estar em sinestesia, ao possibilitar que as palavras sejam tocadas como fez o menino do cabelo cor de limão. É permitir que emergjam em toda a sua potencialidade e tipologia de recursos: instâncias poéticas, autobiográficas, cinematográficas...Nos territórios de atuação, é ser sensível na tradução do que se passar por eles: crenças, livros, escritores ou qualquer outra forma.

É dar vida a um corpo que antes foi fala, uma fala que é corpo ou um corpo que fala e que quer continuar a falar. Esse movimento de tradução é que convoca a produção das narrativas. Nisso, não cabe questionamento a elas, não cabe entendê-las, pois a própria escrita dá esse sentido, sua compreensão. Produzir narrativas na biblioterapia é algo que se aproxima do fazer artístico, uma composição de sentir, perceber e afetar-(se).

É apropriar-se da técnica de um grande artista, quando na elaboração de sua obra. Por estas características, a escrita de uma narrativa biblioterapêutica na abordagem cartográfica é transgressora, subversiva. Faz as palavras parecerem forasteiras em meio a língua de origem. É preciso a criação de palavras extraordinárias para sua expressão. Com elas, como afirmam Oliveira e Paraíso (2013, p. 175), a intenção é escrever sempre o meio (processo), abalar e abrir valas para o verbo fazer-se gerúndio, já que não se tem a pretensão de se chegar a um final.

3 COMO UMA ONDA NO MAR

*Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia.
Tudo passa. Tudo sempre passará.
A vida vem em ondas como um mar.
Num indo e vindo infinito.
Tudo que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo.
Tudo muda o tempo todo no mundo.
(Lulu Santos)*

A música acima traduz exatamente meu sentimento com a chegada da finalização desta escrita. Ao expor em palavras o que até aqui fiz na prática e aprendi com os estudos sobre o método cartográfico em associação a biblioterapia, não me sinto mais o mesmo. Eu mudei, incitei aqueles que participaram de minhas práticas a esse movimento, e espero que você leitor, companheiro deste percurso, busque também mudar. Principalmente no que compete ao fazer biblioterapia.

Mudar! Essa é uma das maiores tessituras em aprendizagens contornadas neste caminho até aqui, e serve como indicativo de conselho para aqueles que assumam a prática como aplicadores de biblioterapia sob a metodologia cartográfica.

No entanto, cabe a advertência que às vezes bate uma ansiedade profissional de observarmos estas mudanças naqueles que trafegam conosco em nossas práticas. E muitas vezes elas não se fazem visíveis, mas elas estão lá, em curso. Toda prática quando

bem pensada, pesquisada, bem executada, leva para esse movimento, mesmo que em alguns momentos a sensação seja de total paralisia.

As vezes fica a impressão de que as ondas, como apontadas na música, são insuficientes a prática do *surf* da biblioterapia, mas mesmo o movimento não sendo tocável, observável, ele continua. Então você aplicador, eu sugiro não desanime. Passo a você as indicações de Pozzana (2013, p. 324) “Faça uma pequena pausa. Silencie e busque estar onde você está [...]. Contemple o seu estado atual e receba o mundo presente”. Caso preciso, espreguice-se.

Como colocado ao iniciar esta escrita, sigo sempre desejoso por novas descobertas, em devires constantes. Não querendo com isso, desenvolver fórmulas, prescrever receitas de práticas ou formas fixas do ato de se praticar a aplicação em biblioterapia. O processo é sempre de aprendizagens, de posição sempre do meio ou de entre. Pensar no sentido associativo dos temas aqui apresentados (biblioterapia e cartografia) foi descortinar algo fora do eixo teórico comumente observado. Portanto, embora confortável, foi um pouco difícil pela ausência de referenciais.

No entanto, pude compreender que diferente da fenomenologia que entende a produção das narrativas como fenômeno, em específico da linguagem; no método cartográfico, elas são compreendidas como acontecimentos. Nesse sentido, tem-se como conceitos e epistemologias, a questão das singularidades e o que se agencia nos territórios de atuação.

Os objetos problemas, por esta ótica, também são os agenciamentos que emergem destes mesmos territórios e o que denotam deles, no sentido de acontecimentos numa perspectiva virtual. O esperado ao diálogo da leitura e leitor na produção destas narrativas são as forças circulantes, a potência que estas podem expressar neste encontro. Afinal, como apontam Mostafa, Cruz e Benevenuto (2013, não paginado), “uma narrativa biblioterapêutica pelo viés cartográfico, sua preocupação é a resposta do que pode um encontro”.

Espero ter me feito compreendido nesta minha busca em teorizar a biblioterapia sob bases teóricas fora do contexto tradicional. Não que seja um desejo intencional, uma vez que o princípio desta busca tenha se dado apenas por uma adequação de um método ao objeto que além de atender os agenciamentos, comportasse a subjetividade exposta nas narrativas.

Dessa forma, continuo assim, desejoso por novas descobertas e novas empreitadas, não sabendo qual será o próximo pouso de problematização. Fico no gerúndio dos verbos caminhar, avançar. No aguardo de uma topada com algum território, pois acredito que são os territórios que nos convocam a cartografar em meio a narrativas biblioterapêuticas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miriam Lúcia de; BORTOLIN, Sueli. Biblioterapia e a Recepção da Literatura. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis. **Anais**[...]. Florianópolis: [s. n.], 2013, não paginado. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1247>. Acesso em: 6 ago. 2021.
- ANDRADE, Lucas Veras de; MELO, Ana Caroline Viana de. Um diálogo entre a vida real e a literatura infantojuvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos. **Inf. Prof.**, Londrina, v.6, n.1, p.162-173, jan./jun., 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/27382/22362>. Acesso em: 6 jul. 2018.
- BLAKE, Lily *et. al.* **Branca de Neve e o Caçador**. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto das ideias, 2010.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografar: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7. N.2, p. 66-77, maio/ago, 2014.
- DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v.4.
- EXTRAORDINÁRIO. Direção: Stephen Chbosky. Estados Unidos: Lionsgate, 2017. 1 Dvd. 113 min.
- GILBERT, Elizabeth. **Comer, rezar e amar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51
- KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, Niterói, v.25, n. 2, p. 263-280, maio/jun., 2013.
- MAIRESSE, Denise; FOSENCA, Tania Mara Galli. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 111-116, jul./ dez., 2002.
- MELO, Ana Caroline Viana de. **Práticas de Saúde na Escola: cartografia de territórios subjetivos**. 120f. 2013. Trabalho de Conclusão (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Piauí, Campus Parnaíba, Parnaíba, 2013.

MOSTAFA, Solange Puntel; CRUZ, Denise Viunisk da Nova; BENEVENUTTO, Felipe Etelvino. Fenomenologia versus Filosofia da Diferença: a biblioterapia em questão. **Datagramazero**, v.14, n.6, [não paginado], dez., 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45783>. Acesso em: 6 ago. 2021.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, v.23, n.3, p. 159-178, set./dez., 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.17-31.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal, Rev. Psicol.**, Niterói, v.25, n. 2, p. 323-338, maio/jun., 2013.

PRADO-FILHO, Kléber. **Michel Foucault**: uma história política da verdade. Florianópolis: Editora Insular, 2006.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **R. Esc. Bibliotecon.**, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214, set, 1975.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertões**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia&Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

SANTOS, Lulu. **Como uma onda**. (1983). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XFa73hlzR-4>. Acesso em: 6 ago. 2021.

SEIXAS, Cristiana. **Vivências em Biblioterapia**: práticas do cuidado através da literatura. Niterói: C. Seixas, 2014.

TITÃS. **Enquanto houver sol**. (2003). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q1nQiSfL40Q>. Acesso em: 6 ago. 2021.

VARELA, Francisco. **Ética y accion**. Santiago do Chile: Dólmén/Granica, 1996.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

Recebido em: 06 de julho de 2020
Aprovado em: 06 de setembro de 2021
Publicado em: 02 de outubro de 2021